GRITO *fanzine*

apartAdo 497
4401 viLa nOva dE GaiA CodEx
pORtugAl

GRITO

93.02

4456.98
carb

564446-76

#7

DIRECÇAO: C.A.M.E.- Complexo de Actividades Mentais.
GRAFISMO: Paulo Lima.
REDACTORES: Paulo Lima; Inês Monteiro; Carlos Bértholo; Sérgio Rocha.
COLABORADORES: Carlos Santos; Luís Freixo

GOTHIC SEX

Nas páginas que se seguem vamos tentar abordar mediante duas entrevistas estruturadas de forma idêntica, a génese e o desenrolar de duas bandas espanholas com sonoridades bastantes marcadas por ambientes usualmente designados de Góticos.
Com trabalhos distribuídos em Portugal, as duas bandas encontram-se também editadas recentemente pela Grabaciones Góticas, desta feita em cassette, numa compilação intitulada Spanish Gothic Bands (Vol. 1 & 2) que terminaremos também por lhe fazer uma suscinta abordagem, a modo de conclusão de uma triologia dedicada a bandas/edições góticas "made in Spain".

"Volvió, Volvió de la tumba a buscarte,
Por Dios,
Por Dios que volvió para vengarse."

in "Enigma"

GRITO- Quando começou o vosso projecto musical?

GOTHIC SEX- A banda nasceu nos inícios de 1986, mas o projecto em si começou verdadeiramente dois anos antes, com o nome de "Velvety Cadavers" tocando um som tipicamente "after-punk".

G- Qual a composição da banda?

GS- Actualmente a banda é formada por quatro elementos: Lady Gothic na bateria; Madame Morgue nas teclas; Mardigan no baixo e Lord Gothic na guitarra e vozes.

G- O que visam expelir nas vossas mensagens e discursos?

GS- Nas nossas letras, as mensagens que procuramos transmitir, estão intimamente relacionadas com a nossa grande afeição aos livros de Edgar Allan Poe, Lovecraft, Stephen King bem como a toda o misticismo patente nas ciências ocultas e obviamente à demoneologia.

G- Se necessário definiriam a vossa música dentro do panorama Gótico?

GS- É claro que sim, mas tentamos também abarcar todos os aspectos da música gótica. Deste modo a nossa música assume por vezes polos de extrema agressividade sonora e outras, um ambientalismo circundante e profundo.

G- Transpõem algumas influências nos vossos trabalhos musicais?

GS- Não. As nossas preferências musicais estão intimamente relacionadas com a "Dark Wave", mas de cada vez que compomos as letras, não tentamos copiar nada às outras bandas. Pretedemos somente criar um som gótico pessoal

G- A vossa música é conhecida e distribuída para além de Espanha?

GS- Não, mas a nossa pretensão é chegar a todos aqueles que amam esta a música. Estamos também conscientes que é um trabalho árduo para nós pelo facto de nos movermos no sistema underground, o qual é muito fechado, hermético.

G- Fazem musica pelo gozo próprio que daí advém ou pensam em agradar possíveis ouvintes?

GS- Não pretendemos de modo algum fazer da música a nossa forma de vida, pelo simples facto de não encontrarmos uma companhia discográfica que se arrisque a editar este tipo de sonoridade, pois é um estilo anti-comercial.

G- Qual a vossa actividade ao vivo, mais precisamente na actuação em concertos?

GS- Nos concertos, o nosso desejo e objectivo, é transmitir ao público o máximo de sensações de envolvencia "dark" e sentimentos insanos.

G- Quais os vossos projectos para o futuro?

GS- Acabamos de realizar um video que se encontra à venda em Espanha e é composto por video-clips, playbacks e actuações ao vivo.
Dentro em breve vamos editar uma cassette com dez versões das canções góticas mais usuais.

Paulo Lima.

DISCOGRAFIA:

EP- El Frenesí (1989).
VHS- Lord Gothic (1992).

Los Humillados

LOS HUMILLADOS são um projecto musical Espanhol que já encontrou em Portugal, há já bons longos anos, um pequeno mas fiel grupo de admiradores. Com esta curta entrevista, tentaremos de certa forma fazer um enquadramento deste agrupamento que tem como mentores Artur Rios Vizern: voz, guitarras, teclados, coros e Ester Subirana: teclados, coros.
Ficará então aqui o testemunho prestado por Artur Rios, numa altura em que se faz ouvir uma ligeira mutação no percurso musical de Los Humillados.

GRITO- De quando data a formação inicial do teu projecto?

LOS HUMILLADOS- De 1985.

G- O que nos podem referir àcerca das experiências e actividades musicais que têm vindo a desenvolver nestes sete anos de existência?

LH- Editamos já seis cassettes bem como participamos com vários temas em inúmeras compilações editadas em Portugal, França, Espanha, etc...
Editamos também dois discos (1 EP e um LP conjuntamente com outras bandas - no formato de Sampler)

G- Que género de mensagens procuram transparecer ou mesmo emitir?

LH- Os feitos de Jesus Cristo, o suicídio, o Dark...

G- De que forma são ou foram influênciados por toda a parafernália tecnológica existente ao serviço da actividade musical?

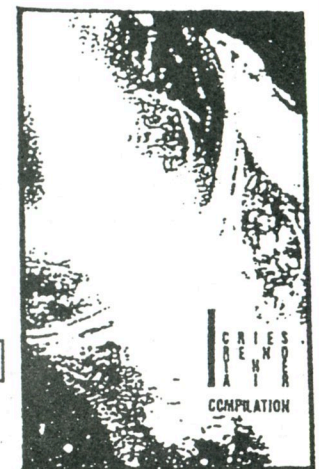
LH- No passado estive bastante interessado pelos sintetizadores, caixas de ritmo, etc... Porém, actualmente interesso-me mais por instrumentos tradicionais e clássicos (instrumentos acústicos), flautas, guitarras, pequenos instrumentos de percussão... As vozes.

G- De que modo as vossas experiências influênciam a vossa forma de fazer música e qual a interacção desta nas vossas vidas?

LH- A nossa música é caracterizada por um utópico estilo de vida.

G- Poderão definir a vossa música como "Gótica"? Ou não estão minimamente interessados em enquadramentos deste género?

LH- O mais importante na nossa música são os sentimentos, a atmosfera.
A "etiquete" ou estilo, vem em segundo plano. A musica de Los Humillados não são mais do que utópicas imagens dos seus membros, os segredos...

G- O vosso trabalho sofre influências de outros músicos?

LH- Sim.

G- Que materiais, efeitos... são por vós utilizados na criação musical?

LH- É segredo.

G- Paralelamente aos LOS HUMILLADOS desenvolvem outros projectos paralelos?

LH- Sim, a construção da minha igreja particular (Cave of Oration).

G- Aquando da composição de um tema, o que vos ocorre ao pensamento?

LH- Penso em diversas paisagens, lugares Góticos, etc... Em mistérios pessoais, em sexo...

G- Como é distribuída a vossa produção musical e onde?

LH- Não é distribuída, excepto em Espanha, Itália, Portugal e França.

G- Digam-nos algo àcerca das vossas actuações ao vivo.

LH- Não tocamos ao vivo, não me agrada o contacto directo com o público. Até hoje só toquei em dois concertos, e já há algum tempo atrás.

G- Quanto ao futuro? Novos projectos?

LH- O primeiro LP ou CD bem como uma Edição Limitada numa caixa contendo CD+Cassette+Livro+T-Shirt.

Paulo Lima.

NOSFERATU

O gótico morto? Desde quando?
Sem dúvida que a costela mais adorada e odiada do rock, continua viva como sempre. Talvez a falta de interesse e informação, levou muita gente a optar pela morte do gótico. Mas não! A Alemanha e Inglaterra estão cheias de rapazes e raparigas de preto e com cruzes, e penteados "esquizos", e o nosso Portugal, também não foge à regra!
Vlademir Janicek (baixo), Louis De Wray (voz) e Damien Deville (guitarras) são aquilo que se pode dizer - a melhor banda gótica da actualidade, ou seja, os Nosferatu.
Nascidos em 1986, os Nosferatu, têm vindo a alargar o número de seguidores do grupo, e colaboradores da "Gothic Society", que tem como responsável Vlademir Janicek e sua esposa Sapphire Aurora.
Vlademir, é também responsável pela editora "Possession Records", que editou: "Helhound" - EP+Cassette, e prepara-se para editar o LP de estreia dos Nosferatu, que sairá em Abril, e em Maio sairá um EP.
Até lá, fica aqui a conversacomVlademir Janicek, sem dúvida, o motor do grupo.

De onde vem o nome - NOSFERATU?

VJ- Nosferatu é o mesmo, ou seja, significa "Rei dos Mortos Vivos", e é retirado do melhor filme de vampiros, de todos os tempos.

Consideras, ou assumes, que os Nosferatu são góticos?

VJ- O facto de fundarmos a "Gothic Society", acho que já diz tudo... Naturalmente que podes considerar que sim.

Mas muita gente tem vindo a cimentar a ideia de que o gótico morreu!

VJ- Quem disse que isto era o caso? Jornalistas? Eles julgam que têm o poder de destruir uma cena, apenas com palavras. A cena gótica teve uma paragem curta, porque muitas das principais bandas começaram a separar-se ou a mudar de direcção, mas há actualmente novas bandas que têm muito de bom para dar!

Como defines os Nosferatu?

VJ- Julgo essencialmente, que temos muito potencial, tanto a nível sonoro, como visual.
Muitas das bandas seguem só uma paterna (som).

Que grupos ouves actualmente?

VJ- Eu ouço grupos da cena passada e presente, tais como: Bauhaus, Specimen, Nephilin, Sisters, Cult, Mission; mas ouço muitos outros grupos, tais como:: Alice Cooper, Jethro Tull, Wasp, Ozzy Osborne, Black Sabbath, Clannad, Wagner, Haendl, etc...

Concordas com a liberdade de expressão? Não sei se sabes, mas grupos como os Christian Death e Creaming Jesus, têm visto imensos concertos cancelados, e imensas capas, fotos, etc., censuradas, que achas disso?

VJ- Sim, eu concordo com a liberdade de expressão, mas muitas das bandas que tomam atitudes para desafiar o convencional, fazem isso simplesmente

para serem polémicas, para assim chamarem a atenção, e ganharem publicidade. Eu pessoalmente não acredito, que numa escala de massas, a música afectará ou mudará algo!

Como se encontra o actual panorama gótico?

VJ- Difícil de momento. Não há verdadeira "media support", nem existem mega-bandas góticas. Existe muito talento e vontade, e um largo número de material, ainda não gravado.
Mas, o mais difícil. é tomar conhecimento e aproximar mo-nos desses talentos...

E quanto a concertos? Vocês têm actuado muito?

VJ- Já fizemos quatro tournés, pelo Reino Unido, tal como muitos outros concertos, todos eles no Reino Unido, mas iremos tocar nos Estados Unidos, talvez, mais para o meio do ano.

Sabias que em Portugal vocês já têm alguns admiradores?

VJ- Não, e isso surpreende-me, visto não mandarmos discos para Portugal. Gostava realmente de saber mais acerca disso! Como é que as pessoas nos conheceram? Éramos para ir actuar aí a Portugal, cerca de dois anos atrás, mas misteriosamente, tudo caiu por terra! Adorávamos ir tocar aí a Portugal!

Já agora, o que conheces de Portugal?

VJ- Pouco, para além de saber que é vizinho de Espanha e que se faz bom vinho.

E quanto a novos trabalhos?

VJ- Estamos a trabalhar no nosso LP de estreia, que sairá em Abril, seguido por um novo EP, que sairá em Maio.

Irão fazer uma tourné?

VJ- Sim, no Reino Unido e Estados Unidos.

De que se tratam as vossas letras?

VJ- As nossas letras são descrições de amor, luxúria, castigo e dor. Isto contado em forma de histórias que levam as pessoas que as ouvem, dentro do subconsciente.

Quem trata da parte gráfica do grupo?

VJ- Eu trato do design e trabalho promocional do grupo, juntamente com Sapphire Aurora, minha esposa, escrevo "Grimoire", publicado por nós.

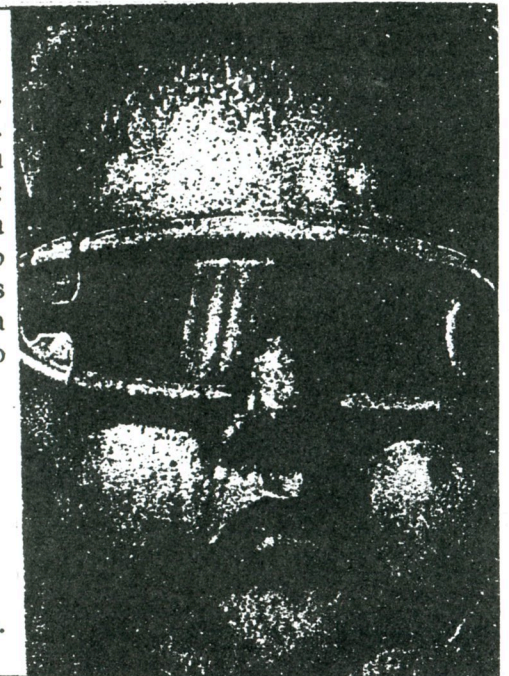
Para terminar, qual a tua visão do futuro?

VJ- Tenho uma visão obscura do futuro. Acredito que caminhamos para o colapso da civilização. só espero estar enganado...

Também eu! E assim Vlademir Janicek regressa ao seu caixão. Fica aqui a sugestão de ouvirem os nosferatu. Para quem não sabe, "Grimoire", é uma fanzine trimestral, publicada para a "Gothic Society".
Viva o "Rei dos Mortos Vivos"!

Carlos Santos.

METAMORPHOSIS

o joão acordou. ligou o rádio. levantou-se. esfregou os olhos. pôs--se em pé e caminhou. saíu de casa. ohh! trágico destino: deixou o rádio ligado. era domingo. à noite o joão regressou. eram umas duas horas da manhã. o rádio tocava teimosamente. e... o seu gato jazia morto na carpete.

Os RISE, formaram-se no Outono de 1987 e desde cedo se tornaram conhecidos pelas suas actuações ao vivo,bem como pelo seu polido trabalho em estúdio. No entanto por cá, esta banda continua quase ou mesmo totalmente desconhecida.
Na Primavera de 1989, o seu EP de estreia ("Joy") foi gravado para Toronto, para a Lone Wolf Records.
Chegando Janeiro de 1990, os RISE atingem os postos cimeiros das tabelas das rádios universitárias e são os pioneiros do renascimento do som "power pop" canadiano.
Durante os meses primaveris, Fournier (vocalista) e os dois guitarristas Russel e Pastore, conjuntamente com Tim Alchin e Terry Watcher re-
gravaram o EP "Joy".
Realizado em Junho de 1991 na Europa, através da RPN, sai um novo LP, que é uma compilação de novos e velhos (para aqueles que nunca ouviram o EP de estreia) temas. A RPN realizou ainda um CD dos RISE, contendo cinco temas nunca antes editados (trata-se de uma remix de temas gravados para a primeira demo dos Rise). Tanto o LP como o CD, foram exclusivamente realizados para a RPN e são importados para os EUA e Canadá pela Cargo.
A acrescentar ao mais recente trabalho dos Rise, deve-se salientar que estes recorreram ao baterista dos sensacionais "pop-ska" Sons of the Desert e chatearam Mac (um mago dos pesos pesados) para tocar baixo.

Ultimamente os RISE têm feito bastantes concertos, quer como cabeça de cartaz ou acompanhando bandas tais como os FUGAZI. Tiveram também oportunidade de alargar as suas actuações por todo o continente Norte-Americano.
As reacções vindas do público têem-se mostrado bastante positivas, devido talvez ao grandioso profissionalismo mostrado nestes cinco anos de existência.

Pelo vistos, parece que os RISE, muito brevemente, tornar-se-ão a banda canadiana numero um, em sonoridades "power-pop-classics"!!!

Ode Filípica

ENTRE VISTA

Introduções e apresentações mostram-se aqui dasajustadas, pelo simples facto da própria natureza do projecto que a seguir é entrevistado. Bem vindos ao circo Filípico...
Poderemos considerar esta entrevista como um marco, pois algum tempo após a realização desta, Carlos Matos informava o enterro dos Ode Filípica. Divergências diversas (ocorridas entre 25/26 de Janeiro) fizeram com que Pedro Granja abandona-se o projecto. Deste modo, a facção Oll Facipia Dei assim como o Berço Estandarte (local de ensaios, composição e onde se realizavam as sessões) deixavam de ter sentido. Entretanto, e felizmente, Carlos Matos voltava a enviar noticias, desta vez evidenciando a reconciliação de todos os elementos dos Ode Filipica. Poderemos então disfrutar desta companhia por mais algum tempo. O suficiente para nos deleitarem com novos delírios... Aqui fica o testemunho de Carlos Matos, àcerca dos Ode Filipica.

GRITO- Como referiu Ricardo Mota num artigo escrito a vosso respeito, "...o grande exame de uma das bandas mais importantes da musica alternativa Portuguesa: Os ODE FILÍPICA".
Como encaram o termo "alternativo", tão comummente utilizado pelos media?

ODE FILÍPICA- Entendo o termo "alternativo", como uma substituição ao que vigora abundantemente, isto é, a procura de novas estéticas artísticas para repor no lugar das que se tornam vulgares quer pela incessante divulgação, quer pela massificação prematura que atingem. É o vício do menos imediato.
Sob um ponto de vista meramente alegórico, é educar um McDonald'smaníaco a uma alimentação vegetariana. Sob um ponto de vista irónico é ODE FILÍPICA para Marco Paulo, Nihil Aut Mors para Xutos e Croniamantal para Moby Dick, se é que me entendem...

G- Quais as vossas correntes influenciadoras. O que vos faz acordar com o nascer de cada dia?

OF- Eu poderia começar a dizer que lemos William Burroughs, que gostamos muito de filosofia de Nietsche, que o "Diário de um ladrão" de Jean Janet é muito bom, que Naked Lunch é imprescindível, que Freud é apaixonante e o "Fantasma e esquecimento" hilariante. TRETAS! Não quero saber nada disso, , tudo isto são clichés dos que se dizem alternativos. Todos têm os mesmos gostos e influências?! Deixem-me rir, então não passamos de um groupie standardizado.
Pessoalmente gosto de amar. Penso mesmo que a paixão é o único processo de entenderem o nosso projecto. Amo a Célia, gosto do Simão, do Pedro, da Catarina, do Bruce e da Anabela. Amo estar vivo para assim me deleitar com a maravilhosa dose diária de terror intitulada Telejornal e depois ir dormir e sonhar com aquelas fantásticas imagens...

G- Os OD foram marcantes para a vossa vida? Qual o papel da Ol Facipia Dei? O que pretendem desenvolver com estas acções?

OF- O surgimento dos OF foi sem dúvida marcante na nossa vida. Para além do tempo que nos "rouba", foi e é um meio de recriar e exaltar as nossas potencialidades. A facção Ol Facipia Dei foi posterior e surgiu da necessidade que tinhamos de alargar o leque de intervencionistas in loco.
A primeira prática da OFD consistiu em plantarmos 14 pinheiros, um por cada elemento, personificando o rebento como

uma extensão do ego de cada um. Neste caso a purificação da mente surgiu pelo facto dos pinheiros estarem num ambiente natural, longe de qualquer poluição biológica ou propagandistica. Se nenhum tarado se lembrar de pegar fogo no coração do pinhal de Leiria, continuaremos a ver crescer os nossos pinheiros e com eles a sensação de que pelo menos uma vez fomos úteis.
Ultimamente as sessões são em local fechado (no Berço Estandarte) e têm mais a ver com o som enquanto catalizador de sensações. Imaginem 12 pessoas deitadas de olhos fechados, dispostas conjuntamente em forma de estrela e duas em pé desfilando com um sino e uns ferrinhos folclóricos. Os timbres que se percepcionam dependem do estado de concentração de cada um. Naquele momento o stress desaparece, a mente adormece e a fluidez assume-se. A música surge então como sobremesa. O prémio pelo bom desempenho de cada um. Cria-se então um clima de liberdade total. Todos são livres de criara e improvisar de uma forma, desculpem o eufemismo, moderadamente anárquica.
Apesar de serem 7 de cada sexo, nada tem a ver com imundice. Numa entrevista que dei ao Blitz, disse: "estamos ali completamente nus". Ficamos com fama de grandes orgias quando o que eu pretendia era realçar o estado de leveza que por vezes a atingimos.

G- Digam-nos algo relativamente às vossas edições, bem como a relação estabelecida com as editoras e distribuidoras...

OF- "Impulsos Anémicos" C46 de 90 foi a nossa primeira maqueta que nunca chegou a ter edição propriamente dita. Trata-se do trabalho de onde foram retirados os temas para o nosso disco de 7" e que continha ainda um dos temas fundamentais dos OF que é "Music to Hum High" que felizmente será re-editado na "Rites of Passion", uma edição que a Ritual de Sombras está a preparar.
Em 91 surgiu "Janusjus", um trabalho muito mais complexo e agressivo. Pessoalmente acho esta C60 poderosíssima e completamente inovadora em termos de música techno industrial made in Portugal. A Tragic Figures queria editá-la mas com exclusividade, o que não foi possível uma vez que a Norte Americana Harsh Reality Music já tinha mostrado interesse. Acabou por ser a SPH a edita-la em Portugal. Depois já em 92, surgiu o 7" OFF editado na Alemanha pela Tesco com temas retirados da maqueta de 90. Ainda em 92 a Ritual de Sombras pôs cá fora "Ol Facipia Dei or Ode's Own God", uma C46 bem mais macia e com processos de composição mais elaborados. A embalagem e o booklet complementaram o seu valor artístico. Gostaria de destacar a inclusão de "Hanayak" no CD Cybernetic Biodread Transmission" da Simbiose Records.
As relações que temos tido com as editoras, são as mais humildes possíveis. São relações de amizade. A diferença entre as portuguesas e as estrangeiras, é o suporte financeiro, com clara vantagem para as além fronteiras.

G- De que forma se processam as vossas actuações ao vivo?

OF- A música electrónica ao ser interpretada ao vivo tem um vazio inerente, uma vez que as máquinas estão préviamente programadas. Quando afirmo isto, refiro-me às bases, porque a sintetização melódica é feita em grande parte, em tempo real, assim como a vocalização.Bom, mas para não caírmos no risco demasiado frio, tentamos preencher e dispor o local da performance de um modo mais tentador e participante. Por esse motivo é que levamos outros artistas a colaborar ao vivo connosco. A OFD influência um pouco o nosso status em palco, não só porque alguns elementos pertencem a esta facção como também o facto de algumas coisas executadas terem afinidades directas com OFD. Assim, ao vivo, para além da teatralização posta em prática por mim e pelo Pedro, contamos ainda com o trompetista/flautista Luís Guerreiro (musico dos Estado Sónico), do Simão Matos nos adereços e pesquisa de imagem videográfica (temos 4 televisores espalhados pelo recinto), dos jornalistas Paulo Cunha e Joâo Paulo Leonardo (responsável pela capa do nosso 7"OFF) na selecção e projecção de diapositivos e ainda

da minha esposa Célia Ribeiro Lopes na performance de pintura.

G- Têm necessidades de ser vistos/enquadrados em alguma corrente musical?

OF- Embora respeite, não gosto que nos cataloguem. Temos noção da necessidade que as pessoas têm de recorrer a etiquetas para nos identificarem numa corrente estilística, mas preferiamos apenas ser os ODE FILIPICA.

G- Qual a razão de editarem o 7"OFF para um selo estrangeiro e não português?

OF- Na altura não havia nenhuma editora alternativa (as outras simplesmente ignoram-nos) com suporte financeiro para o fazer. Também havia pouco interesse. Actualmente o panorama está diferente. Já recebemos várias propostas. Talvez apenas porque já editamos na Alemanha...

G- No 7"OFF, no tema "Língua Morta", exaltam a defesa da língua portuguesa. No entanto cantam-na em inglês. Alguma razão em particular?

OF- Ponto assente e assumido é o defender de valores como a nossa língua. Isto não quer dizer que sejamos impedidos de recorrer a outros idiomas na expressão de ideias. Por vezes queremos apenas fonéticas e por isso é que utilizamos o Odês. Somos livres de utilizar qualquer tipo de idioma, o que não admitimos é que se prostitua a língua portuguesa em favor de outras línguas que dela nasceram.

G- Quando tocam os vossos temas, conseguem atingir estados de espirito "elevados", paralelamente ao vivido quotidianamente?

OF- Penso que conseguimos atingir essas sensações em muitos temas, mas em particular em "Eclesíaste", "Ritual Sagrado" e "Húmus-Caos" pelo sentido lírico/emocional; em "Music To Hum High", "Ritual Of Purity" e "Escárnio e Maldizer" pela composição épica. Ainda em "On Illusion Lie", "Poliethylene" e "Trumpet of Life" pela agressividade. Nos temas que incluirão o CD, penso que conseguimos em todos, pelos mesmos motivos que atrás referenciei. Para nós, a não indiferença é, já por si, reflexo de uma sensação nobre.

G- De que forma se compatibilizam as actividades dos membros dos OF?

OF- De facto a maior dificuldade que se nos tem apresentado, são as incompatibilidades profissionais. Eu ainda resido em Leiria mas o Pedro agora mudou-se para Lisboa (depois dos estudos realizados na ex-União Soviética, resolveu continuar, agora na faculdade de ciências) o que faz com que só nos encontremos no sábado. É natural, pois, que o escasso tempo que passamos juntos seja dedicado ao trabalho de estúdio e não a ensaios. Por esse motivo é que temos "recusado" espectáculos na capital, no Porto, Viseu, Leiria, etc. Até a profissionalização quase nos bateu à porta quando Mark Poysden (musico holandês já com alguns trabalhos editados em CD) nos convidou a ir para Amesterdão para gravarmos lá um CD e para uma consequente digressão. Pensamos duas vezes mas decidimos ficar por cá. Também da Holanda surgiu outro convite para concertos através de dois amigos nossos, o Carlos e a Lorry. Um dos elementos da NAO falou-nos também que os The Grief punham à nossa disposição o seu estúdio se assim o quiséssemos. Se calhar não teremos outras oportunidades como estas, mas o medo de arriscar é grande, especialmente quando se põe em causa a estabilidade financeira.

G- Que material utilizam na "feitura" dos vossos trabalhos?

OF- Nunca utilizamos nada standardizado. Gostamos de transformar os nossos instrumentos. Limpar-lhes as memórias, re-programá-los. Recorremos a 2 caixas de ritmo programáveis, um porta sons, um sintetizador, um computador, caixas de efeitos, percussão electrónica, baixo,

cassettes, ao A-B do leitor de CD's, sons reais e de outros instrumentos que não passam de objectos de uso diário. Temos uma mesa multipistas de 6 pistas que está a dar o berro e ainda não arranjamos dinheiro para um sampler. Gostaríamos também de ter um DAT. Não há por aí alguém que nos queira oferecer um?

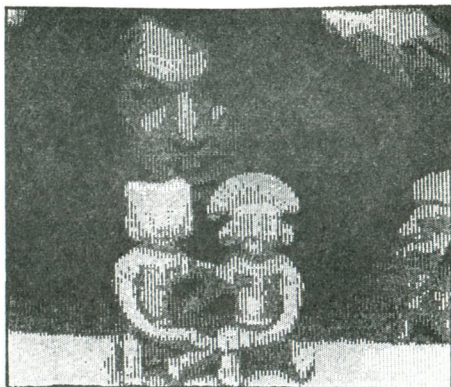
G- Quais os projectos a curto prazo?

OF- Os concertos e as performances estão por enquanto suspensas. Talvez no Verão... Edições haverá. Para breve "Rites Of Passion" (recolha de alguns temas que incluíram compilações, mais 3 inéditos) e "On Illusion Live" (gravado ao vivo na Casa da Cultura das Caldas da Rainha em Março do ano passado).
Ambas cassettes virão embaladas de uma forma que a Ritual de Sombras já nos habituou, ou seja, com criatividade e qualidade. Previsto para Fevereiro estava a edição do CD "Odês Verbum Deus", mas foi uma vez mais adiada, por isso não arrisco a data da sua real edição.

G- Sentem-se influenciados por alguma banda/corrente...?

OF- Estamos sempre receptivos a comparações, pois temos a noção de que não encontramos a fórmula mágica. Não assumimos influências directas, embora tenhamos consciência de que elas existem no subconsciente. Até é engraçado, pois por vezes somos comparados a projectos que até damos muito valor. Só ficaremos satisfeitos quando deixarmos de ser termo de comparação, para nos assumirem como ponto de referência.

G- Quais as vossa preferências musicais?

OF- As minhas atenções são bastante vastas, por isso tanto recaem em Das Ich, Von Magnet, Leather Strip, Skinny Puppy como em Ministry, Psychopomps, Nine Inch Nails ou toda a vaga de death e trash como os Morgoth, Deicide, Slayer ou Metallica. No panorama nacional, Croniamantal, Nihil Aut Mors (que é feito

deles?), HIST (e destes?), Erros Alternados, Manual Performance, Estado Sónico, Resíduos Tóxicos, MAjor Alvega, Exomortis, Duplex Longa, Lucretia Divina. Ik Mux e Mão Morta têm a minha preferência.

G- Qual a preocupação estabelecida na procura da vossa imagem?

OF- A nossa imagem é inata. Além disso fomos abençoados pelo padre Agostinho! Não, tudo surge porque pensamos que a imagem tem muita importância na complementarização da música. Por isso é que todas as nossas cassettes vinham embaladas de formas diferentes (em grande parte devido também às tradições das editoras que as editaram). O disco tinha uma capa que se desdobrava, o CD também não virá embalado de forma convencional. Queremos que as pessoas tomem os items dos OF como peças com um certo valor estimativo.

G- Qual a receptividade do público ao vosso trabalho?

OF- Até hoje, quer de Portugal, quer do estrangeiro, só recebemos uma critica negativa: foi do 'zine "A vida sexual de uma caganita de pássaro". Já vamos fazer 3 anos de actividades continuas, portanto penso que a aceitação tem sido 100% favorável.

Paulo Lima.

M A I N

Se alguma vez quiserem percorrer o vosso cérebro numa longa e lenta viagem sem utilizar alucinogéneos, imaginem luzes que se definem por sons e sons, interpretados como padrões visuais. Infelizmente é complicado, mas quando se ouve "Hydra-Calm" esta aliciante tarefa simplifica-se. Desprezando a concentração tal como a conhecemos, o efeito hipnótico deverá ser idêntico às profecias de Timothy Lears - Turn On, Turn In, Drop Out.

Logo após a primeira aleatória audição manifestam-se algumas perturbações na parte inconsciente entretanto ligada; como se um sono/sonho fosse interrompido, o que obriga a voltar ao prazer do adormecimento, neste caso, à viciação no som dos MAIN.
Não quero tornar isto um índice terapêutico mas quase de certeza que os níveis de consciência até então às escuras passam a ficar iluminados.

Robert Hampson (ou Josh), o mentor das espectaculares descargas electropsíquicas dos Loop, é responsável, juntamente com Scott Dawson, por esta sónica ligação ao cortex cerebral. O primeiro registo, "Hydra, EP" data de Novembro de 1991 e é posteriormente compilado com o EP "Calm" de 92, neste CD, pela editora Situation Two.
"Flametracer", o primeiro tema, ainda faz lembrar os Loop, mas as 7 musicas seguintes não têm tradução possível. Por vezes parece-se com Suicide, outras vezes com CAN, no entanto os incríveis efeitos de guitarra e outros sons, fluem de formas diferentes.
Mesmo a voz de Robert H. complementa-se perfeitamente no ambiente criado, principalmente em "Remain".

HYDRA CALM

Os últimos 20 minutos dos 60 que dura este CD, são preenchidos por "Thirst" que é responsável pela anestesia geral e pela viciação que provoca esta estranha viagem.

Se este fosse um trabalho de Brian Eno iria de certeza ser considerado uma obra prima. A forma como os temas diferem uns dos outros conseguindo ao mesmo tempo fazer parte da mesma deslizante construção, como se de células se tratassem, tornam este registo uma obra única de perturbadores sons e de assustadores efeitos secundários.
Para acabar fiquem com algumas afirmações de Josh na primeira entrevista dos MAIN a um jornal inglês.

"MAIN was drived from electricity and arteries. Like you have your main arteries in your body, and electricity is main suply.(...)
I guess the key word with everything at the moment is ambience, although it's a word that's been completely over-used. We're not to be connected with ambient house, or Brian Eno or any of that stuff. It's just a selection of moods with music, and it's not a million miles in attitude from loop.(...)
Everyone associates ambience with - I have to use this word - chilling out. I also hate to make comparisons, but I think some of the MAIN stuff will be on the same wavelenght as some of the NEUBAUTEN stuff where, if you heard it in the background, you'd think it sounded quiet relaxed; but if you turned it up, you'd get quite a different comprehension of it (...) You make music because you wanna make music; and it is egotistical, 'cos you are primarily making it for yourself. Anybody who denies that is a fool. You've got to have a certain amount of ego, to make you pick up a guitar and play in the first place".

Sérgio Rocha.

fLEURdUmINIMAL

A propósito do lançamento de uma edição limitada de um particular CD dos alemães fLEUR dU mINIMAL, julgamos oportuno fazer aqui algumas referências a este trabalho e projecto em questão. Aconselharia, mesmo antes de uma abordagem crítica, que o adquirissem (não sei se estará em distribuição por Portugal - todavia o contacto encontra-se no final do artigo), ou somente o ouvissem, pela óbvia razão qualitativa.
fLEUR dU mINIMAL surgem aqui com o intuito da apresentação do já referido CD e video , realizados em 92.10.05 em Stadtparkasse Wuppertal. A distribuição destes não se encontra a ser feita pela Pigture Disc (como havia sido o seu 1° LP) pelo simples facto do fecho de actividades desta (questões financeiras!!!).
A ideia da criação do projecto fLEUR dU mINIMAL, surgiu da necessidade de alimentar uma criança sob a protecção do artista tIM bUKTU. Esta criança estava supostamente integrada nos ruídos urbanos da civilização e nos sons naturais que daí advém.
fLEUR dU mINIMAL é uma alteração deliberada do título de Baudelaire "les fleures du mal". Aqui, as conexões artísticas e o uso simbólico de elementos e partículas característicamente minimais afluem para a construção e planeamento ordenado da música concreta.

O primeiro trabalho dos fLEUR dU mINIMAL (intitulado fLEUR dU mINIMAL) data de 1988 e é um marco histórico pelo simples facto de ter sido um valente choque para os jornalistas e para todos os ouvintes, dado as suas muito pessoais, invulgares e estranhas visões da arte explorativa do noise - entenda-se noise como a exploração dos sons reais e ordinários tratados e ordenados de forma a criar ambientes tão reais como inimaginavelmente artificiais.
Já aquando da edição deste primeiro trabalho, as criticas (uma das quais feita pelo nosso tão querido Blitz!) foram bastante positivas e resumidamente consideravam os fdm como um projecto, um evento, fora do âmbito da crítica musical,

simplesmente pelo elevado padrão qualitativo. Outros pontos de vista apontavam ainda para os fdm como uma possível viagem ao centro do nosso ego; e o Blitz referenciava que os fdm estavam tão perto da vanguarda como da curiosidade.
Os artistas que compõem os fLEUR dU mINIMAL são Johannes Thor e tIM bUKTU. O primeiro nasceu em 1965 em Wuppertal estudando engenharia audio-visual com implicações musicais. O seu trabalho está marcado por variadíssimos eventos multi-media e composições de obras baseadas em estruturas noise.

tIM bUKTU, por sua vez, nasceu em '58, igualmente em Wuppertal, e desde 1975 que é artista profissional, havendo já realizado imensas viagens internacionais de pesquisas sonoras. A partir de 1985, como engenheiro de som, dedicou-se à produção de discos, paralelamente à realização de trabalhos como pintor.

A nova produção dos fLEUR dU mINIMAL, intitulada "3.oKTOBER 199o" tem a particularidade de ter sido gravada durante 24 horas, aproveitando um feriado Alemão.
Os artistas gravaram nestas 24 horas, diferentes sons provenientes de 24 locais distintos de Wuppertal. Equipados com dois microfones de alta qualidade os pesquisadores equipados com vulgares "walkman", partiram camufladamente à procura das situações sonoras mais reais, traduzindo as mais naturais acções de um dia normal da vida de Wuppertal. O resultado foi magnifico e daí surgiu o CD que envolve 24 particulares miniaturas de dois minutos, que foram misturadas de forma pouco trivial, constituindo uma coisa única e que decerto ficará para a posteridade como um happening musical extremamente alucinante.
A vida foi finalmente engaiolada, e como um pássaro deleita-nos com o seu divino canto urbano...
2 de Dezembro de 1990... os mesmos criativos a exemplo do que fizeram na parte audio,

exploraram também 24 horas de video utilizando a mesma técnica,e construiram 50 minutos de algo realmente estranho e pouco vulgar.
Os 24 temas do CD têm nomes tão vulgares como fábrica, estação de metro, rio, zoo, cemitério, igreja, restaurante, carro, floresta...

His Name Is Alive

Um grito ecoa por entre as brumas de desespero, invocando espíritos malignos perdidos em sonhos distantes.

Warren Defever não sabe se tenta encontrar uma maneira de exorcizar os seus demónios ou uma nova aproximação para os atacar. Tem conseguido expulsar alguns dos velhos demónios ao longo dos anos, mas há sempre novos. Passava dias atormentado com os seus sonhos, até que eles começaram a afectar o seu estado de espírito também nas horas que passava acordado.

Foi nessas horas que Defever passava acordado, que juntamente com Karin e Angela, formaram os HIS NAME HIS ALIVE.

Karin conheceu Defever no seu primeiro ano da faculdade e ambos provém de Michigan, U.S.A.

Beleza fantasmagórica, desprezo, dor, sofrimento, angústia, vida espiritual, penetração profunda no caos... His Name His Alive são tudo isto.

Originalmente juntaram-se os três para gravar no quarto da cave da casa de Defever, em Livonia.

Defever enviou uma cassette com as gravações dos His Name Is Alive para Ivo Watts-Russel da 4AD. Ivo ao ouvir a cassette notou que tinha nas suas mãos um trabalho profundo, enigmático. Gostou daquele estranho ruído e propôs-lhes a edição de um álbum. Aquele trabalho não podia ficar algures perdido num estado dos E.U.A. Tinha de ser registado. Estávamos no ano de 1990 quando foi editado o 1° álbum dos His Name Is Alive, "Livonia".

Ivo trouxe benefícios à banda. Warren, obcecado pela perfeição, era capaz de andar à volta com a mesma música tempos infindos, modificar cada segundo, até esta lhe soar perfeita.

"Ivo modificou tudo isso. Eu fazia a mistura de uma forma muito extrema. Tinha perdido a minha onda. Ía desistir.

Ivo tornou o álbum mais claro, de maneira que eu nunca tinha pensado. Gosto da maneira como ele junta tudo. Eu apenas lhe enviei nove temas, agora o LP tem doze. Acho que pegou em tudo à parte e nunca mais voltou a juntá-las".

Warren deu ao seu primeiro álbum o nome da aldeia onde vive "Livonia". "Tenho um bocado de medo de sair daqui. Todos os temas foram inspirados em minha casa - Livonia tenta captar esta ideia. Tento nunca sair muito; trabalho sempre aqui".

Embora estejam na 4AD não gostam que os rotulem como banda tipo 4AD. "Não me considero uma banda tipo 4AD; e preocupa-me o número de pessoas que irão pensar isso. Acho que quando as pessoas nos ouvirem, irão pensar nos Cocteau Twins e nos This Mortal Coil, mas temo que deixem escapar os pormenores. Deixem escapar coisas como Jimi Hendrix, Sonic Youth, Alex Chilton. São essas as minhas verdadeiras influências".

As letras são muito espirituais. Falam-nos sobre a falta e a perda de espíritos. Há muita dor nelas. Nada melhor que o timbre obeso das vozes de Karin e Angela para nos fazerem penetrar bem fundo, nas sinistras histórias. A música envolve-nos criando um ambiente transcendental e pesado.

"As letras não são escritas especificamente para as músicas. São palavras, não letras musicais. Escrevo palavras todos os dias. Tenho imensa escolha para encontrar algo apropriado para a música. Podem ter sido escritas semanas ou mesmo anos antes da feitura da música. Muita coisa é escrita apenas para me descobrir e para meu divertimento" - Afirmou Defever - "Acho difícil dizer sobre o que é que escrevo. Nunca quero que se torne muito pessoal e

que deixe todos os meus segredos a descoberto. Não sei bem por que é que escrevo, mas tiro muito proveito disso. Posso ir ao encontro de grandes verdades que nunca tinha notado antes".

"Nunca achei que escrever vem dum bom sentimento dentro de ti, mas a procura da beleza está em grande parte aí. Há muita beleza envolvida nisto. Mas não é só isso. É a justaposição de duas coisas: o suave fim das coisas e a completa destruição do universo. Gosto de ouvir guitarras explodirem, actos de violência; É essa a razão de todos os feedbacks que usamos.

Em 1992 saiu o segundo LP dos His Name Is Alive "Home Is In You Head". No entanto, e antes da saída deste, Angela abandona a banda. Para além de Karin Olivier (vozes e guitarra) e Warren Defever (guitarra e baixo) - fundadores da banda - juntam-se a eles, nesta tentativa de evasão da realidade, Melissa Elliot (guitarra), Damian Lang (bateria) e Denise James (vozes).

Novos espíritos virão e co-habitarão com os que já existem. Inúmeras batalhas irão ser travadas. Batalhas sem fim, porque eles nunca cessarão de chegar. E o nome dele continuará vivo.

Inês Monteiro.

MESSER BANZANI

Sim, senhores e senhoras, sigam-nos por favor até ao último dos porquês dos MESSER BANZANI.
Após um período de inactividade editorial, devido à gravação do homónimo álbum de estreia, estes aprazíveis indivíduos tiveram tempo de aparecer nos mais diversos canais mediaticos, chegando mesmo a participar num documentário "Hotel Deutschland", para o qual compuseram a banda sonora de inicio a fim. O filme documentário muito provavelmente já se encontra em circulação e exibição por germanicas paragens.
O primeiro álbum dos MESSER BANZANI foi um sucesso total, o que lhes proporcionou o aparecimento em inúmeros espectáculos televisivos em diversos canais europeus.
Após uma exausta tourné pela Alemanha, tiveram ainda tempo de viajar até Espanha.
Após este tão atarefado período, a banda regressou aos estúdios com a finalidade de gravar dois temas para um single que viu a luz do dia em Outubro de 1991. Este foi uma edição limitada,a qual já se encontra esgotada. Aqui, os MESSER BANZANI, viajam por sonoridades algo diferentes àquelas que os motivavam de início, assim ao seu som originalmente inspirado no Ska e Reggae desloca-se ligeiramente para o Calypso, Rap e imaginem só, para a Lambada, mas de uma forma tão deturpada que o ouvinte é inevitavelmente surpreendido.

Com o 12"EP intitulado "Peace Is Wonder" que saiu em Fevereiro de 1992, os MESSER BANZANI mudaram-se para uma atitute de reggae dançavel bastante "fashionable" e com alguns ingredientes Soul e Hip Hop. Este EP foi produzido pelo jamaicano Papa Curvin, conhecido pelos gloriosos dias de Boney M, e actualmente ele próprio, um verdadeiro artista do vinil. O EP, contou ainda com bastantes artistas convidados, tais como o rapper Norte Americano Mc Shank, a cantora Adowoa Hackmann (de 17 anos e proveniente de Munique), Remko Korporal (saxofonista proveniente de uma banda ska holandesa)...

O novo álbum dos MESSER BANZANI "Shagga - Yo" reflecte anos de árduo trabalho e dedicação na tentativa de união da música proveniente da Europa e das Caraíbas.

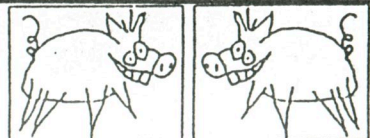
Disco Grafia

BIOGRAFIA & DISCOGRAFIA

1989 foi o ano da formação da banda, em Leipzig, na ex - Alemanha de Leste.

1990 entram em tempo de antena para a Antenne 2 (Paris/França); lançam a cassette "We Try To Get You Move Your Ass"; participação num programa televisivo da ORF; gravação de dois temas para a estação de rádio DT64, um dos quais entrou para o top 10 da mesma rádio; realização de "Ska-Ska-Skandal Vol.2" por Pork Pie Rec.; participação no festival Ska de Potsdam; tourné pela Hungria, Alemanha; lançamento do álbum de estreia; escreveram a banda sonora para o filme "Hotel Deutschland" no qual participou Laurie Anderson entre outros.

1991 Tourné europeia.

1992 Realização do 12"EP "Peace Is Wonder". Realização de Workshops conjuntamente com o jamaicano Papa Curvin.

Bellas Artes

BELLAS ARTES, não confundir com pretensiosas alusões a propostas artísticas, no campo da escultura, pintura, desenho... BELLAS ARTES é a dúvida musical que permanecerá após a audição de "Azul", bem como do projecto a solo de um dos seus elementos chave - Daniel TRIANA.
É insuficiente abordar os dois projectos, à luz de estes singelos registos. Ficará, então, aqui exposto um ponto de vista que muito sinceramente espero vir a positivamente fortificar, pelo facto de toda a produção musical feita numa base de honestidade, ser deveras de interesse mútuo, para o músico e para o ouvinte atento.

Se o nome nos pode aludir a artifícios que de imediato interpretariamos como obras de arte, a música fabricada por esta banda oriunda dos E.U.A. , recorda-nos por vezes uma certa atmosfera carregada de cinzentos nevoeiros, algo característicos dos anos '80.
Não considero, no entanto, que os BELLAS ARTES se aproximem de um ideal de beleza extrema, tal como a podemos apreciar nas mais fantásticas obras primas criadas por aqueles que através destas se imortalizaram. Não quero de modo algum menosprezar este projecto que julgo ter raízes lusitanas, mas que este facto não constitua de modo algum um óbice a uma justa critica, ainda que esta seja sempre subjectiva e pessoal.
A música debitada por este trio-base de Elisabeth, é por eles caracterizada como tendo influências góticas. Se as letras o evocam, tudo bem!!! Mas a música que as complementa, nada tem haver com tais denominações. Porém hoje em dia tudo é possivel neste complexo de fusões internacionais, que é o globo que habitamos.
Música é também complementaridade.

Os Bellas Artes apresentando a sua demo intitulada de Azul (não estranhar ser em Português) complementam-se também a si próprios, na medida que, aqui, a tal música gótica (assim por eles designada), junta-se à música electrónica um tanto ou quanto experimental, abrindo novas fronteiras a este projecto. Julgo eu ser este campo electrónico, o mais apropriado ao poder iamginativo dos Bellas Artes.
Em Azul, só dois temas sofrem destas influências (electrónicas, ambientais); são eles "Grey Sky" e "In The Middle Of The Sea" e fecham esta cassette como sendo uma abertura a uma nova dimensão que estes três elementos bem facilmente podem nela entrar.

Elo fundamental e talvez o grande inspirador e extravazador de novas experiências sonoras, é sem dúvida alguma Daniel Triana que por mais curioso que pareça é quem assina os dois temas já referidos, estando a cargo da programação ritmica.
Daniel Triana está longe de ser um convicto experimentalista, mas para lá caminha! Isto se considerarmos que o experimentalismo pode ter uma base convicta se se assumir como espontâneo e improvisado.

"Snap Shots and Short Stories" é a segunda cassette a solo de Daniel Triana para a etiqueta alemã IRRE TAPES. Esta torna-se interessante numa primeira audição. Mas após uma não muito apurada apreciação, mostra-se maçadora e a garvação da mesma, também não ajuda grande coisa.

Uma caixa de ritmos algo antiquada, não explora na totalidade o ambiente sonoro necessário para encher os restantes elementos que soltos constroem os temas. Fórmulas conhecidas tais como colagens de emissões radiofónicas, chuva... banalizam-se nos minutos que nos separam do final.
"A day in our life..." é um tema interessante que nos expõe face aos ruídos dos dias de todos nós.
Se mais curtos fossem estes temas, por certo também seriam mais inesperados e interessantes. Como isso não acontece, contentemo-nos com curiosas propostas que de certa forma servem para nos despertar e ajudar a reformular a velha questão: a arte e a critica são directamente proporcionais?

No final deste texto, a dúvida ainda permanece no ar. E questionarão vocês: Que dúvida?
Será a música dos Bellas Artes interessante?

Pergunta difícil de responder. Se por vezes provoca uma reacção positiva, outras esvanece-se no quase desprezo.
Não sei se prepositadamente, mas finalizando o lado B da cassette "Azul" dos Bellas Artes, sente-se aquela angústia que todos já sentiram aquando da necessidade de continuar a ouvir algo de bom que surgiu nos últimos minutos das últimas músicas do registo sonoro.

Quanto ao aspecto gráfico, bastante caracterizador deste tipo de edições de autor ou independentes, tanto a cassette dos Bellas Artes como a de Daniel Triana, primam pelo bom gosto (além de não constituirem nenhum marco estético).
A demo dos Bellas Artes encontra-se encapada com um Grego e admirável corpo masculino esculpido na mais branca pedra, envolta no Azul que determina a denominação da cassette em questão.
Por sua vez Daniel TRIANA conjuntamente com Mathias Lang (IRRE TAPES), apostaram num grafismo simples que é reforçado pelo aspecto ecológico do papel reciclado e o directo antagonismo da embalagem maleável de plástico opaco.
Cassette limitada e numerada, que mais uma vez reforço, se encontra na Europa, disponível via importação postal através da Irre Tapes.

DANIEL TRIANA
DADOS ADICIONAIS

Pouco foi dito a respeito de Daniel TRIANA, mas também não há muito mais a acrescentar.
Dominador de percussões, tenta aplicar este dom, não só aos tradicionais instrumentos, mas alarga-lo também aos teclados, caixas de ritmo e por vezes a uma voz que parece ser uma continuação de ritmos pré-programados.
Fazendo um último levantamento, Daniel TRIANA (não sei se por ter maior liberdade) isoladamente, ou mais concretamente, separado dos Bellas Artes, consegue desenvolver um trabalho musical mais criativo, imaginativo e consequentemente satisfazer mais rapidamente, o ouvinte habituado e apreciador da música tendencialmente electrónica.
De certa forma Daniel TRIANA a solo aproxima-se de um ideal sonoro bastante Europeu e talvez por isso tenha surgido a oportunidade da edição de duas cassette suas (como já referi) pela alemã IRRE TAPES, que aliás promoveu insistentemente este trabalho.

(CS "Azul" - Assembly)
(CS "Snap Shots & Short Stories - Irre Tapes).

Paulo Lima.

Ferdinand & Les Philosophes

Hervé RICHARD, mais vulgarmente conhecido por "Ferdinand", parece ser uma interminável fonte de energia.
Desde o Japão até ao ex-Bloco de Leste, através da América do Norte e até de tempos a tempos em França, explorando todos os níveis de produção e difusão musical, à mais de quinze anos, a detalhada biografia deste "globe-trotter" francês, ocupa nada mais nada menos que três completas páginas.
O mais curioso é que além das inúmeras actividades, a sua particular forma de tocar baixo e os seus textos, remetem-nos de imediato para um mundo que dificilmente conseguimos caracterizar. Talvez seja rock ou mesmo musica filosófica, o que Ferdinand produz!!!

Ferdinand et Les Philosophes é o seu novo grupo rock. Partindo de uma base standard (baixo, guitarra, bateria), combinam-se fantásticosritmosswing e um realmente original (não somente nas letras) conjunto de arranjos.
Maioritariamente responsável por toda esta consciente programação, Ferdinand oferece-nos uma síntese de tudo o que aprendeu até hoje, juntando uma boa dose de emoção e profissionalismo.

Neste projecto, Ferdinand é ajudado por dois músicos rock, provenientes da cidade industrial de Saint-Etienne (França). O cortante Dominique LENTIN, baterista fundador da banda francesa "Les i" (outro mito) e o bastante eléctrico guitarrista Alain ROCHER.
A magia das três vozes em coro, adiciona à música um tom tipicamente afrancesado.

Preparado com muita seriedade (gastando-se um ano e meio de pesquisa), o último trabalho de Ferdinand et Les Philosophes possui a típica ambição de ultrapassar o tipificado, bem como as potenciais audiências.

MELO MAFALI

O fim do racionalismo está para breve.
O início de uma nova era mítica mostra-se iminente.
A seiva criadora desta era está a espalhar-se e a desenvolver-se num magma multi-cultural.
Os seres humanos preparados para esta realidade constituem uma minoria. Isto significa que o advento de Babylon, causará uma incontrolável cascata de emoções por todo o planeta. Todos os deuses serão destruídos e novos ídolos serão adorados.
Estados dentro de estados serão formados por toda a parte e os seus destinos e vidas serão diferentes.
Isto terá significado até uma exaustão da paz.
Esta imagem pós-moderna neoclássica traduzida pela música, é uma tentativa de dar uma visão aural paralela. Ela suportar-se-á, numa mistura de cordas europeias e texturas microprocessadas, ritmos africanos e samplers cibernéticos, oboes orientais e orquestrações clássicas.
Isto poderia ser visto como música para um filme ou bailado imaginário.
Poderia ainda ser uma razão para nos fazer parar e contemplar de vez em quando, num mundo onde a beleza espera silenciosamente por detrás das cortinas.

Tradução livre de Melo Mafali em Babylon's Acumen. 1992

Título da Aton Music, distribuído pela Der Verlag e comercializado pela já extinta Pigture Disc, o CD "Babylons Acumen" de Melo Mafali, salienta-se tremendamente pela forma de composição musical. Quer através de uma forma rígida na utilização dos conceitos sonoros, quer na flexibilidade da prostituição dos estilos musicais, Melo Mafali construiu um CD que marcará todo o universo das múltiplas conjugações musicais.

Não se trata de simplesmente conjugar de uma forma aleatória texturas semelhantes; o saber e a experiência levaram por certo à criação ajustada e acertada. O tempo que por certo dispensamos a pensar e a viver as emoções é totalmente retratado neste trabalho, de uma forma restritamente pessoal.
A interpretação de cada som, instrumento, acorde, mostra-se urgente para uma melhor

compreensão da nossa realidade e da actual música comercializada sob a égide das fusões. Diria infusões ou mesmo transfusões de pura ideotice, esta que as majors nos tentam passar. A revolta já começou e a mistura veio para ficar, os mutantes, as ficções, os subúrbios são-nos agora familiares e o trigo separa-se lentamente do joio. Melo Mafali é a grande puta que se mistura com todas as tendências musicais, é o Homem que sai à rua e habita o metropolitano juntamente com os ratos e no final as mutações fazem parte de todo o jogo que ele havia iniciado, sentado em casa em frente ao televisor...

Melo Mafali nasceu a 5 de Fevereiro de '58 e desde então mostrou-se um ser bastante prolifero na arte de fazer música. Ingressou no conservatório de música em Messina, por volta de 1970 e desde então assumiu postos em performances jazzisticas um pouco por todo o mundo.
Poder-se-á também considerar Mafali como um musico electrónico-experimental,

participando já nos arranjos e produção de trabalhos de individualidades como Chaka Khan, Nino de Angelo, Delegation...

Relativamente a "Babylons Acumen", aqui encontram-se todos os pensamentos de Mafali. As manifestações técnicas dão lugar a vivências que incluídas em denominações electrónicas, ambientais, industriais, perderiam de certa forma a força da sua essência. Música Sem Era encaixaria perfeitamente nesta argamassa que constitui as bases para um melhor entendimento do actual relacionamento da tecnologia com as diferentes "espécies" sonoras que proliferam por todas as rádios...

Não há mais palavras para poder definir o trabalho de Mafali. A surpresa é total e quem afirma que já nada de novo se consegue ouvir, está deveras enganado. Pois se for verdade, Mafali abrirá um novo conceito musical. Provável é,nem disso nos apercebermos ou entretanto o sistema abarcará todos os idealistas que timidamente vão por amor à musica, tentando adicionar a esperança de um mundo melhor.

Paulo Lima.

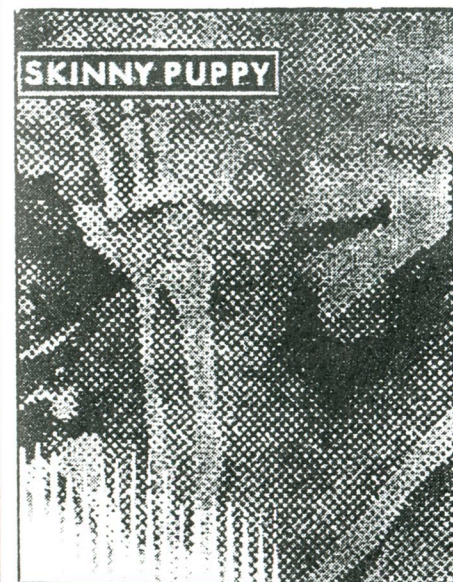
*Sem ainda estarmos certos da periodicidade deste novo espaço que abrimos aqui, iremos tentar informar o mais verosímil possível, o que da Canadense NETTWERK, nos chega. Não através da importação directa, mas por meio de "mail order" à disposição de quem queira gastar os seus tostões em algumas pérolas musicais.
Salientamos que este espaço surgiu no comum acordo da NETTWERK e do GRITO e baseia-se na urgente re-edição da "Nettwerk Newsletter".
Os produtos da etiqueta serão aqui abordados, dissecados e apresentados de forma a serem posteriormente compreendidos e digeridos.
Esperamos em Maio (com a saída do Grito#8) ainda aqui estar. Se não for possível - pois tudo depende da continuação da edição da "newsletter" por parte da Nettwerk - agradecemos o tempo que dispensaram nesta leitura... e até sempre!!!

VINTAGE SKINNY PUPPY

Em 84 os Skinny Puppy realizaram e editaram a famosa cassette "Back & Forth" da qual só foram lançadas 50 cópias (ver Grito #5) incluindo sete temas realizados por cEVIN KEY e Nivek Ogre.
Mais recentemente, foi editado "Back & Forth Series 2", que pode ser adquirida nas lojas (julgo que em território Português não!!!) e oferece-nos oito temas novos, nunca antes editados, datando do período de 1982-85.
"Back & Forth Series 2" só existe no formato CD e como raridade, pode ainda ser adquirido numa edição limitada e embalado numa caixa de metal, somente via postal, através da Nettwerk Mail Order Service. A caixa tem um design especial e só existirá até serem vendidas internacionalmente 1000 cópias da mesma. O CD sem a caixa estará também disponível, porém sem carácter limitado.

NEW RELEASES

Nas primeiras semanas de '93 a Nettwerk Europe lançará o EP de estreia dos MYSTERY MACHINE, o qual se intitulará "Stain". A América do Norte terá este EP somente via importação.
"Stain" precederá "Glazed", um álbum dos acima referidos Mystery Machine, que será lançado em Fevereiro no Canadá e Março nos States..
"Stain" contém um tema extra que não se encontra no álbum "Glazed".
A produção vai estar a cargo dos Mystery Machine e será misturado pelo Skinny Puppy e Babes In Toyland Dave Ogilvie.

É também altura de anunciar mais uma compilação Nettwerk - "Possessed" - será realizada também nas primeiras semanas de '93 e sairá este mês nos EUA.
A compilação incluirá nomes conhecidos, bem como novas propostas, tudo isto envolto por alguns temas bastante raros.
Em "Possessed" poderemos ouvir: Consolidated; Peace, Love and Pitbulls; Mystery Machine; The Final Cut; Severed Heads; Childman; MC 900 FT Jesus; Single Gun Theory; Skinny Puppy; Brothers and Systems; Teargarden; Itch.

DURAS EXPERIÊNCIAS DE SARAH McLACHLAN FACE À REALIDADE

Não! Não é coluna social. É informação.
A cantora Sarah McLachlan viajou conjuntamente com Terry Mulligan (Much Music) e World Vision (uma organização para o desenvolvimento), em Outubro, pela Tailandia e Cambodja. O objectivo da viagem foi adquirir conhecimentos sobre a realidade pavorosa vivida nessas paragens em vias de desenvolvimento ou terceiro mundistas - como queiram!
Sarah visitou pobres vilas de pescadores, prostitutas e doentes de SIDA. Cambodja foi a parte mais dura da viagem.
Mas além destas degradantes notícias sobre o planeta que habitamos, vamos às notícias artísticas de Sarah McLachlan:

1. Sarah cantou para o novo álbum de Philip Glass. As letras foram escritas pelo poeta Alan Ginsberg e a peça intitula-se "Tree Stump" do álbum Hydrogen Jukebox (WEA).

2. A Donovan Compilation da Nettwerk, contendo 15 diferentes artistas, conta também com a participação de Sarah com o tema "Wear Your Love Like Heaven".

3. "What Lies Beyond" (Two Birds Flying) encontra-se no Nettwerk Sound Sampler III.

Encontra-se também quase a sair um EP de edição limitada. A raridade caracteriza-se por conter um livro, em tamanho reduzido, da tourné de Sarah McLachlan.
Sarah entrou novamente em estúdio, nos inícios de Janeiro deste ano, visando a realização do seu novo álbum, que sairá provavelmente na Primavera.

GRAPES OF WRATH NEWS

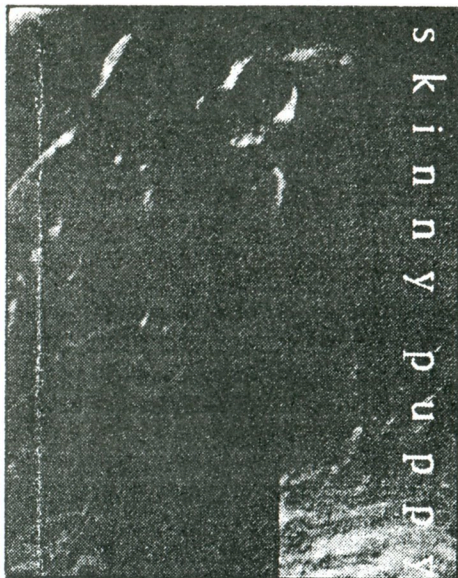
Depois da pequena digressão dos Grapes efectuada pelo Canadá, que além do mais foi bastante agitada, estes entraram (Nov. '92) em fase de pré-produção do seu novo trabalho que estará completo lá para o final do Inverno.

SKINNY PUPPY DEPOIS DE 10 ANOS... RETROSPECTIVA RECENTE / TOURNÉ

A tourné de "Last Rites" passou por lugares tão bizarros como o Hawaï - 2 dias seguidos (uma experiência realmente excitante, se tivermos em linha de conta os "apáticos ilhéus"). A tourné terminou em Chicago, no Cabaret Metro, a jeito de celebração do 10º aniversário dos Puppy. Eles estrearam-se nesse clube em 1985.
A tourné europeia começou em Setembro '92 e ao mesmo tempo que esta progredia, o estado de Ogre detriorava-se. Infelizmente houve datas que se atrasaram e propos-se reiniciar a tourné em '93, partindo de Copenhaga.
Entretanto os puppy encontram-se também a escrever novos temas para o próximo LP que sairá provavelmente no Verão.
Encontra-se também em preparação uma montagem de videos, a fim de elaborar um pack, contendo além de imagens inéditas, informações actualizadas.

Rabies, originalmente produzido em '89, foi novamente gravado visando melhorias sonoras. A gravação original em CD foi feita em Dolby.

Os TEAR GARDEN terão um novo EP em Março deste ano que será um "restyling" do original "Last Man To Fly".
Um video está também em preparação e irá ilustrar o tema "Sheila liked the rodeo". Foi feito por Bill Morrison, o mesmo que produziu Killing Game.

BROTHERS AND SYSTEMS DEPOIS DE "TRANSCONTINENTAL WEEKEND"

Depois de "Transcontinental Weekend", Brothers and Systems tiraram alguns meses de férias. Depois de se comer, respirar, dormir... sempre com a música, é necessário descansar um pouco.
No entanto estão a começar a produzir novo material, que desde já se mostra mais rude e pesado que o até agora produzido.
Entretanto mantenham os vossos olhos abertos para o filme "Giant Steps", com Billy Dee Williams, pois tem três temas do trabalho "T.W".
Actualmente encontram-se também a compor para uma performance de dança, duas horas de musica. Esta terá lugar em Toronto e é coreografada por Dave Wilson. Alguns trabalhos musicais estão também a ser produzidos para a Much Music.
Preparem-se para mais BROTHERS AND SYSTEMS pois a "60 cycle experience" já começou.

INFO SOCIETY

por LUÍS FREIXO.

Divulgação internacional de maquetas e edições de autor, são os únicos propósitos de Lord Litter, autor do programa "Tapedepartment Radioshow", realizado em Berlin e ocasionalmente difundido em versão nacional na Rádio Press (ouvir "OBSESSÕES", aos sábados, entre as 23h00 e a 01h00, em 105.3 FM). As bandas que estejam interessadas em fazer-se ouvir internacionalmente (por toda a Europa e alguns outros países) deverão embalar cuidadosamente as suas cassettes ou discos para "TAPEDEPARTMENT RADIOSHOW" - a/c "Obsessões" - Apartado 4420 - 4007 Porto Codex ou preferencialmente, para: c/o Lord Litter - Pariser Str. 63 A - 1000 Berlin 15 - Germany.
A prepósito de rádios, fala-se de novo com voz entusiasmada que a RUP (Rádio Universitária do Porto) poderá vir a ocupar a frequência local libertada pela RádioPress, quando esta passou a regional. A concretizar-se, há uma questão que se põe: teremos finalmente de volta a "velha" RUP independente e alternativa, ou será que os "betinhos" tomarão conta da casa, chapando-nos apenas mais uma frequência de tops?
Adivinhem quais são os nossos votos mais sinceros?...

Haverá quem não aprecie Grace Jones, e quem ainda não conheça o grupo CONSOLIDATED, mas brevemente um disco conjunto poderá surpreender todos, e repor mais alguma ordem no mundo da música. Isto porque a raínha negra que cantou "La Vie en Rose" melhor que a própria Edith Piaf, vai assinar conjuntamente com o grupo GAY-NOISE-HIP HOP-INDUSTRIAL recentemente aparecido, um surpreendente disco intitulado "Friendly Fascism".

Polémico quanto baste, e a não perder!

Quem também tem dado que falar são os californianos NEGATIVLAND. Resumidamente, eles editaram um disco intitulado "U2", e como está bom de ver, a editora da banda irlandesa do mesmo nome não gostou. Mas a ousadia foi mais longe, porque neste disco o título surgia em letras garrafais, enquanto Negativland aparecia só no fundo da capa, e em letras diminutas. E não só: imaginem que na gravação surgia a voz de um crítico musical, samplada da televisão, que dizia pouco-mais-ou-menos que o último álbum do grupo de Bono era uma "cáca"!... A editora dos americanos foi processada, e quase desapareceu do mapa. Depois,uma rádio europeia agarrou os U2 para uma entrevista (com a participação dos ouvintes pelo telefone), combinou tudo com os Negativland, e possibilitou-lhes uma conversa directa e anónima com Bono, que admitiria a legitimidade no uso de samplers, enquanto acto criativo. Isso era o que eles queriam ouvir e, daí, já com autorização, o disco seria reeditado pela REC REC MUSIC. mas acompanhado de um pequeno guia que conta a história com todo o pormenor, e reintitulado "The Letter U, and The Numeral Two". Procurem-no na audEo...

Um destes dias pegamos num dos "imensos" semanários portugueses de música, neste caso um "dinossaurio" com quase dez anos de existência (adivinhem qual), e (quase) ficamos parvos com a "importância" dos títulos que eram chamados à primeira página: "Dinossáurios da nossa vida/ António Manuel Ribeiro/ Ferro & Fogo/ Janis Joplin/ Chanel". Não só é inacreditável que tal periódico tenha descido tão baixo, como é quase inaceitável e surreal que ainda tentemos alimentar nele a nossa fome de uma leitura interessante e desacomodada (para mais não dizer...). Face aos "boatos" dos últimos tempos, o que nos resta acrescentar é VOLTA "ROCK WEEK" QUE ESPERAMOS POR TI!

JOÃO PESTE anda nas ruas da amargura. Isto, e antes de mais, porque as suas dúvias atitudes financeiras continuam constantemente a ser postas em causa (o que é pena, João...). Por outro lado, porque o seu génio desmedido não parece chegar nem para nos conceder um espectáculo decente (e o da passagem de ano no Maldoror Bar, do Porto, foi simplesmente pavoroso), nem para nos vender o novo e muito esperado disco dos Pop Dell'Arte-ele-mesmo. Em todo o caso (e apesar da nossa grande esperança na qualidade técnica e artística do grupo em estúdio), desde já fica o alerta para o nosso ponto de vista: a comprar, mas só depois de ouvir... (Felicidades, Peste!!!).

CELLO

G- O que pretendem evocar com a escolha da denominação de CELLO para este projecto musical, que quanto me deram a entender é uma alternativa (com voz feminina) aos já existentes ACTVS TRAGICVS?! (comentem)

J.Nave- Esta denominação remete à natureza do próprio instrumento (o Violoncelo), mais concretamente, faz-se referência ao ambiente que nos sugere a sua acústica. Este mesmo presidiu, por sua vez, ao percurso musical seguido. Daqui se apreende uma interpretação, relativamente à natureza deste instrumento, que se vai reflectir na orientação do discurso musical.

Temporão- Os CELLO apareceram inicialmente como uma alternativa aos Actvs Tragicvs, porque três dos seus elementos da altura, tiveram a ideia de explorar novas sonoridades.

G- Como e quando surgiu a ideia de criar este núcleo musical e de que forma estão a ser desenvolvidas as vossas actividades de divulgação e consequente promoção dos trabalhos?

Carlos- Pensamos fazer outras coisas que não era possível desenvolver nos Actvs Tragicvs. O Zé pegou na guitarra e compusemos os primeiros temas com o Pedro no baixo e eu no acordeão. estivemos assim cerca de 6 meses até aparecer a Cristina pela mão do Pedro.

Cristina- Como grupo coeso, os CELLO formaram-se em Outubro de 1991.

Temporão- A divulgação faz-se essêncialmente com o envio das maquetas (2 até à data) para as rádios, as quais nos solicitaram já para várias entrevistas, e com espectáculos ao vivo. Neste momento, todo o trabalho de divulgação, está a cargo da Triângulo Produções, de Odivelas. A Promotion Tapes, do Porto, e a Urban, da Alemanha, têm também dado o seu contributo na divulgação deste projecto.

G- Ouvindo a primeira cassette dos CELLO, fiquei com a nítida impressão de estar a navegar em paisagem algo marcadas pela "velha" etiqueta 4AD. É prepositadamente que obviam esta aproximação?

Carlos- O mundo não começou quando nós nascemos. Alguém esteve cá antes de nós. Se nada do que fizermos é completamente novo, para quê preocuparmo-nos? Nós só temos que ser iguais a nós próprios, se mesmo assim caírmos em algo já visto ou parecermos imitar alguém, esse alguém são concerteza boas pessoas.

J. Nave- Não consideramos particularmente óbvia essa influência, nem nos parece ser essa a melhor representação de um termo comparativo relativo ao nosso trabalho, a não ser no carácter intimista, se bem que muito recalcado, emergente em determinados momentos. Em presença da ainda relativamente escassa produção deste colectivo, julgamos descortinar já determinadas referências que se constituem num todo polifacetado, englobando, muito simplificadamente, três áreas: as raízes portuguesas e, neste contexto, a World Music, a Pop (disfarçada) e a Hard-Music, e finalmente, o Jazz e a experimentação da vertente industrial.
Parecem-nos ser estas as principais influências no nosso trabalho, as quais pensamos reflectirem a receptividade a correntes musicais à primeira vista distintas e mesmo contraditórias. No entanto, e a nossa interpretação, possuem pontos comuns que lhes dão carácter de coesão, ainda que, numa primeira abordagem, as características das respectivas correntes anteriormente enunciadas, pareçam limitar o grau de coerência pretendido.

G- Actvs Tragicvs e CELLO. Existe alguma relação de complementaridade entre estes dois projectos, que aliás comportam elementos comuns? Será Cello a complementaridade feminina dos Actvs Tragicvs?

Carlos- Todos nós desenvolvemos projectos paralelos em que fazemos coisas diferentes. Como um projecto desenvolvemos potencialidades que não é possível desenvolver no outro. Não se pode dizer que a diferença entre os CELLO e os Actvs Tragicvs seja a voz, porque a música é muito diferente.
Parece, apesar de tudo, que os CELLO são um projecto mais aberto.

G- Falem-me um pouca da escolha de uma vocalista para dar voz à banda. Processo difícil de descortinar?

Carlos- O único exercício vocal que o estado proporcionou aos miúdos da escola foi à muitos anos e consistia em cantar o Hino Nacional com alguma frequência durante a escola primária.
No regime em que vivemos, quem quiser cantar ou tocar bem, tem de procurar e desenrascar-se pelos seus meios e isso acontece sempre já um pouco tarde, quando as pessoas começam a pensar por si. Entretanto, a escola oficial não deu nada a ninguém.
Repara, se os Actvs Tragicvs , não lhes faltavam vozes femininas. O problema é que ali tem mesmo que ser um homem a cantar e dos "n" cantores que por lá passaram até à data, o que melhor correspondeu foi um alemão.
G- Qual a razão de uma tão forte vontade de explorar ambientes marcadamente medievais?

Carlos- Os ambientes medievais foram a fase inicial da vida dos CELLO. Presentemente não é tanto assim, mas podemos sempre voltar atrás. Quando a saudade apertar...

Cristina- Em certos momentos da nossa vida, há inevitavelmente uma procura nos velhos baús, guardados no sótão dos tempos.
Talvez Medieva também tenha sido o remexer no baú, e com "peças" aí encontradas viajamos no tempo e fomos parar, imagina, numa planície, no meio de uma batalha medieval.
Falando sério, o factor temático não surgiu sem nexo: a estrutura musical existente, enquanto tema instrumental, evocava um ambiente medieval e daí ter feito um texto aliado a essa sonoridade.

Temporão- Não se deve associar aos CELLO, na generalidade das suas musicas, um ambiente marcadamente medieval: isso só acontece na Medieva.

G- Cantar as letras em Português surge na necessidade de exaltar o que de bom ainda nos resta, ou este facto visa somente alcançar todos os potenciais ouvintes Portugueses, ambicionando uma compreensão para um presumível LP ou CD?

Carlos- Cantar em Português é a forma mais fácil de nos exprimirmos. Afinal somos todos portugueses. Se quiséssemos alcançar todos os potenciais ouvintes portugueses, cantavamos em Inglês.

Temporão- O "presumível" LP/CD é sempre possível, e esperamos que para breve, em Português ou em qualquer outra lingua. Por unanimidade a lingua escolhida entre os CELLO, é o Português e por vezes recorremos ao Francês porque se conjuga melhor com a base musical.

G- Evocações a divindades, à pátria e a por ela lutar, o dia e a noite, o amor e o ódio e a saudade fazem parte dos vossos ambientes. Julgam que estas emoções ainda estão embrenhadas no pensamento do publico Português, cada vez mais atento a sonoridades pop-rock/hard (e tantas outras denominações cada vez mais tendentes para o hard)?

Carlos- As pessoas que não estão interessadas em partilhar essas emoções, também não nos interessam a nós. As pessoas estão atentas ao que se passa na rádio e na televisão. Se são insistentemente bombardeadas com Hard, não têm outro remédio senão rederem-se , e parece que esta década vai ser toda assim. Não me admiro nada se, daqui a dez anos, começarem a

procurar desalmadamente todos os discos antigos dos CELLO.

G- Qual a razão da adopção da língua francesa para ilustrar nomeadamente o tema "Brouillard"?

Carlos- Resulta da facilidade da Cristina em exprimir-se também em Francês. No caso de "Brouillard", foi a sonoridade afrancesada do acordeão que inspirou a letra.

Cristina- De facto, as coisas não acontecem por acaso, e o facto do tema "Brouillard" ser cantado em Francês é essencialmente porque se cria uma harmonia/aliança entre essa lingua e as frases melódicas produzidas pelo acordeão; daí essa projecção linguística. Por outro lado, é uma tentativa de explorar uma lingua que á partida não é muito aceitável/adaptável para o ouvinte (um comentário que já ouvi: "O quê? Cantam em Francês??..."), mas que já em si tem uma certa musicalidade - actualmente já temos mais um tema em francês.

G- Propostas editoriais. Novos lançamentos, existem?

Temporão- Neste momento, as actividades editoriais baseiam-se unicamente na edição regular de maquetas, e asseguramos já futuros lançamentos com selo da S.P.A. A partir daí, o nosso empenho será editar em vinil ou CD. Existe algum interesse da parte de algumas editoras independentes em nos editar, mas por enquanto não queremos citar nomes.

G- O aspecto gráfico da cassette encontra-se bastante atraente. À realização deste, presidiu algum conceito para uma melhor identificação, assimilação do conteúdo musical da cassette?

Carlos- Claro. Sempre houve essa preocupação. Nós queremos que as pessoas comecem a sentir a ambiência dos CELLO a partir do momento em que pegam na caixinha de plástico. A capa são os olhos da cassette, e tudo deve começar com essa troca de olhares comprometidos.
De resto, uma cassette é um objecto tão vulgar. O plástico, mais rijo ou menos rijo, é igual para todas. O importante é por dentro. É tudo uma questão de conteúdo. Como nas pessoas.

Cristina- À paisagem acústica, a nossa mente produz sempre uma paisagem imaginária/visual; e, para uma mesma paisagem acústica, cada indivíduo diferente produzirá de certeza na sua mente paisagens diferentes. Torna-se talvez necessário que à medida que façamos novos trabalhos musicais, se trabalhe paralelamente com os

aspectos gráficos como forma de identificação e complementaridade do que fazemos.

12. Por último gostaria que me referenciassem quais as vossa esperanças para este novo ano, bem como as relações que desenvolvem com quem vos edita, divulga, promove, quer em Portugal e eventualmente no estrangeiro.

Carlos- Temos várias pessoas que têm sido peças importantes na divulgação do nosso trabalho, quer em Portugal quer no estrangeiro. E pensamos que têm desenvolvido um bom trabalho dentro do que lhes é possível.

Temporão- Temos sempre uma relação muito próxima e intimista com as pessoas que se interessam por divulgar o nosso trabalho. Até à data ainda não tivemos nenhuma recusa, sempre foi possível negociar.
A Triângulo Produções tem feito um trabalho de divulgação das nossas 2 maquetas, que se pode considerar excelente.
Nunca recusamos qualquer tipo de divulgação. Isso mostra a nossa disponibilidade e interesse em trabalhar com várias pessoas: a Promotion Tapes, a Urban...
Este ano de 1993 vai ser o ano da nossa estreia em vinil ou CD; entraremos em estúdio no mês de Março para uma pré-produção de alguns temas para apresentar às editoras, sendo o mais provável editar por uma independente, porque talvez aí possamos desenvolver um trabalho de acordo com aquilo com que nos identificamos. Iremos, no mesmo mês (Março), editar uma nova maqueta gravada em 4 pistas (produção caseira).
Estão em vista outras actividades, tais como: 1 video-clip; diversos concertos, onde destacamos com maior relevância (embora ainda a confirmar) espectáculos nas Festas da Cidade de Lisboa (Junho); e, a participação com dois temas, na recente compilação do GRITO.

Paulo Lima.